

# O COCORNETA

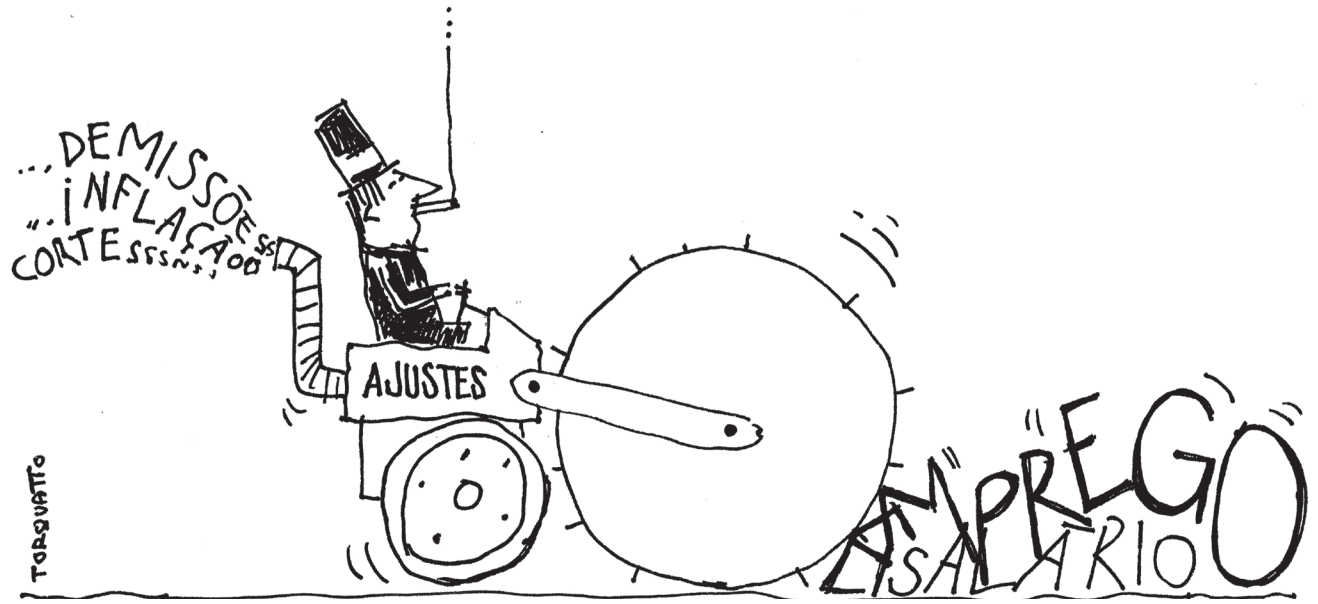
Número 63  
Jul 2015  
Tiragem 5.000

Contribua: R\$ 0,50  
Mande sua denúncia!  
jornalocorneta@gmail.com  
facebook/operarioestudantil



'A emancipação dos  
trabalhadores será obra  
dos próprios trabalhadores'  
K. Marx

## Lute pelo mínimo! Resistir!



Estamos pedindo a  
manutenção dos salários  
e empregos. É o mínimo.

Companheirada, o desemprego já chegou a 13% na região metropolitana de SP; a inflação a 9%, o dobro da meta do governo. A indústria responde por 30% da queda do PIB. Cada emprego cortado na montadora ceifa mais 12 na cadeia automotiva. Nas empresas da ZL de SP demissões cresceram 166% em relação a 2014. Empresas aproveitam a situação para demitir e recontratar com salários mais baixos. Com mais desempregados, quem continua empregado tem que aceitar ser mais explorado, trabalhar mais por menos. É isso que os patrões querem.

Diante dessa situação, o governo Dilma está apoiando os patrões e jogando a crise nas nossas costas. O ajuste fiscal do governo gera mais desemprego, corte nas aposentadorias e no seguro-desemprego. O tal do PPE (Plano de Proteção ao Emprego) vai diminuir nossa jornada em 30% e nosso salário em 15% de uma vez só. Essa diminuição nos salários não retornará depois.

Como sempre falamos: nós só queremos trabalhar dignamente, com estabilidade. Temos que colocar comida na mesa. Não estamos pedindo nada de mais, apenas a manutenção dos nossos salários e empregos. É o mínimo. Mas o governo, junto com seus sindicatos comprados, insiste em fazer a vontade dos capitalistas.

Nesta edição entrevistamos garis do RJ e lembramos a histórica greve da Cobrasma em 1968, para, assim, discutirmos os métodos e possibilidades de luta.

Não baixar a cabeça! Lutar pelo mínimo: a manutenção dos empregos e salários!

Unir pela base pra resistir!

### 'Por um sindicato de novo tipo!'

Vocês se lembram da forte greve dos Garis do RJ ano passado, em meio à Copa? Eles chamaram a atenção para as suas péssimas condições de trabalho e baixos salários. Com a greve radical arrancaram aumento salarial 37%! Mas como foi possível tamanha vitória? Como os garis se organizaram para expressar tamanha força? Leia a entrevista com Célio Gari e Moisés Moraes, líderes da greve da Comlurb (empresa de limpeza do RJ) e agora demitidos políticos que lutam pela readmissão e retorno à categoria.

**OC** Como é a relação do sindicato com a base?

**Célio** Na verdade, o sindicato, como eu tenho observado hoje até pelo reflexo nosso, não tem um diálogo com a base. Há um distanciamento muito grande. Eles não estão nem aí com o que ocorre nas bases. Eles não visitam as bases e não dialogam com o trabalhador. Eles estão ali pra fazer negociata em seu benefício próprio. O que tem que mudar é a forma

política que estão atuando. Temos que começar a discutir com o trabalhador um sindicato de novo tipo. O trabalhador precisa acordar. O trabalhador precisa fazer suas reuniões por fora desses sindicatos que não nos representam.

**OC** Em 2014 vocês conseguiram essa ruptura com o sindicato se organizando. Como foi essa organização?

**Célio** Foi uma greve vitoriosa onde os trabalhadores conseguiram um aumento de 37% entre outros benefícios. No início, o sindicato acatou a proposta da greve em assembleia e depois ficamos sabendo através da mídia que o sindicato havia aceitado um acordo da Comlurb que não tinha sido discutido em assembleia. Eles atropelaram a categoria. Aí o pessoal falou: "Opa! Como assim? Como é que aceitamos isso?" Foi aí que a categoria, através das redes sociais, se mobilizou, se concentrou na Central do Brasil numa assembleia rápida e decidimos ir ao sindicato

tirar satisfação: "Quem tinha aceitado aquilo ali, se não foi a categoria?". Depois de muita pressão o sindicato assinou um documento decretando a greve a partir de meia-noite. Então o trabalhador foi para sua gerência no outro dia de manhã anunciar a greve, e quando chega lá os gerentes têm um outro documento emitido pelo sindicato dizendo que a greve era considerada ilegal. Mas o trabalhador não quis nem saber se a greve era ilegal ou não. A categoria foi se fazer presente na porta do sindicato. Lá já tinha uns 2.000 trabalhadores.

**OC** E como foi esse início de organização paralela ao sindicato?

**Célio** Estavam fazendo de tudo para que não houvesse a greve. Enfim, os trabalhadores foram pra porta do sindicato no horário marcado, aguardamos uma, duas horas e eles não compareceram. Ali ficou claro que o sindicato não representava os trabalhadores. Foi tirada dali uma comissão

## Entrevista: continuação

de greve, de forma horizontal, democrática e transparente. Os trabalhadores que deveriam anunciar quem eram os seus representantes.

**Moisés** A princípio o sindicato queria que só houvesse um representante, depois três... O pessoal pediu que fossem 10 pra poder formar essa comitiva. Desde o começo eles já tentaram reduzir a quantidade de pessoas que formariam a comissão que foi eleita pela assembleia.

**Célio** Aqueles que tinham mais disposição pra conduzir se candidatavam ali e os trabalhadores concordavam ou não. Foram eleitos 10, mas com agravante: esses 10 eram apenas uma ferramenta, esses 10 não poderiam assinar nenhum acordo sem antes passar as informações para a categoria. Quem decidiria era a categoria, não seria nenhum dos 10.

**OC** Depois da negociação voltava para a assembleia?

**Moisés** Voltava para a assembleia, externava o andamento e como ficou a negociação. E, depois os trabalhadores diziam o que era ou não positivo pra eles e decidiam ali. Aí, novamente, eles (10) voltavam pra lá e então, assim, rolou essa negociação.

**OC** A chapa 2 construída pelos garis indica um “novo” tipo de sindicato?

**Célio** A gente pensa que o sindicato não pode ser um instrumento voltado pro capital, ele tem que ser um instrumento voltado para a formação política. Quando se fala de um sindicato de “novo” tipo é a participação direta do trabalhador. A gente tem que mandar obedecendo. Qualquer determinação tomada tem que ter o aval da categoria. O trabalhador tem que decidir o que é melhor pra ele. O nosso intuito de assumir o sindicato era de ser apenas um instrumento e ser o porta-voz dos trabalhadores de forma fiel. Não pode fazer negociação de portas fechadas.

## Greve na Cobrasma: 47 anos

A greve da Cobrasma de Osasco completa 47 anos em julho. Foi uma greve histórica pela combatividade e por apontar uma nova forma de sindicalismo: as Comissões de Fábrica. Diferente do sindicato de hoje, as comissões de fábrica eram organizações em cada fábrica. Seus membros eram eleitos ou destituídos em cada assembleia. A comissão não possuía vínculo com sindicato. Primeiramente, a Comissão da Cobrasma agia clandestinamente (a “rádio peão”) até que em 1968, após um acidente de trabalho, organizou uma paralisação de 5 minutos. Os patrões se assustaram e cederam legalizar a comissão. Eles tentaram comprar os trabalhadores da comissão, mas não conseguiram porque a força vinha da base.

Em 68 a insatisfação era grande. Os trabalhadores decidiram planejar uma greve. Em 16/07/68, às 8h, o apito da fábrica soou mais longo — era a senha para o início da greve. Além de aumento de 35%, exigiam reajuste salarial a cada 3 meses, de acordo com o custo de vida.

O movimento se alastrou a outras fábricas. As tropas da ditadura fizeram um cerco à Cobrasma. Os trabalhadores estavam dispostos a enfrentar. Munidos de barras de ferro, fizeram um discurso às tropas dizendo que elas atendiam aos interesses dos patrões; explicaram os objetivos da greve e chamaram as tropas a não obedecerem seus oficiais. Soldados titubearam e os operários ganharam tempo para se esconder pela fábrica. Mesmo assim, veio a repressão. A greve foi derrotada, mas o exemplo das comissões ficou. Comissões se alastraram por fábricas de toda a Grande SP graças ao exemplo da Cobrasma, o que permitiu construir, em 78, uma forte chapa de oposição ao sindicato pelego. A chapa 3, das Comissões, foi vitoriosa em 78, mas a ditadura interveio para impedir sua posse e ajudou a fraudar a eleição, dando a vitória ao pelego Joaquinção (tudo isso pode ser visto no documentário “Braços Cruzados, Máquinas Paradas”, no youtube).

Hoje as chamadas “Comissões de Fábrica” são braços do sindicato nas fábricas. Não há autonomia e independência dos trabalhadores do chão da fábrica. Tudo é de cima para baixo. Mas ainda há tempo para recriarmos essa ferramenta fundamental para a nossa luta!

## Cornetadas

Mande sua cornetada para O Corneta!

O Corneta está com um número novo de telefone: **(011) 94351-0676**.

Você pode deixar o seu recado anonimamente na caixa postal. Só fale de qual empresa você é e mande a cornetada do chefeta, do pelego e do patrão!

## O Corneta é a voz do peão

**Cinpal II, T. da Serra (SP)** Muito boa a cornetada dos vigias. Isso acontece mesmo! Agora eles ficam enchendo nosso saco pra saber quem mandou a denúncia. Alertamos: se continuarem com isso mandaremos toda vez até vocês pararem de mexer nas nossas coisas e de pegarem no nosso pé!

## Fábrica = prisão não!

**Cinpal I, T. da Serra (SP)** Na Cinpal é assim: enquanto a peãozada passa por um belo pente fino de uma forma humilhante pelos carcereiros da empresa, à procura de celulares ou qualquer coisa do tipo, os chefetas reinam livremente com celulares nas dependências da empresa (quem pode mais chora menos). Peãozada é revistada de uma forma humilhante pelos guardinhas da Cinpal como se estivesse entrando num presídio de segurança máxima! Colocaram mais uma vez o rastreador de metais na porta da fábrica, tão achando que a gente é presidiário. Até com moedinha o negócio apita! Falar o que? Fazer o que? Até quando isso vai durar?!

## Pescamos o golfinho, falta os outros

**Meritor, Osasco (SP)** A dinastia golfinho acabou. Falta agora acabar com o Paulino e o Zé Macumba. Os dois trabalham igual deputado, sabemos que existe mas só aparecem quando querem. O Zé Macumba, então, nem se fala! Vive em audiência. Se a empresa for depender de defesa por parte dele vão falir pois ele não manja de nada e a única coisa que ele sabe fazer é puxar o saco do Paulino. Raça de safados!

## Respeito é pra quem tem!

**Cinpal I, T. da Serra (SP)** Na Cinpal matriz uma encarregada perdeu totalmente a noção do que é respeito. A mesma fica dando em cima de funcionárias mães de família causando constrangimento com suas palavras de baixo calão. A encarregada, além de faltar com respeito, também agrediu uma das funcionárias da fábrica com tapa por motivos desconhecidos. Ainda falta com respeito com as funcionárias de maior idade, chamando-as de “velhas loucas”. Homossexualidade tudo bem, mas respeito em primeiro lugar!!

## Congresso da Conlutas

**USP, Butantã (SP)** O Sintusp, sindicato dos trabalhadores da USP, é filiado à Conlutas, central independente do governo e em oposição às centrais pelegas atreladas ao governo e aos patrões (CUT, a Força Sindical, CTB). A Conlutas acabou de realizar seu II Congresso e enviamos uma delegação de trabalhadores da USP eleita em assembleia.

Foi um congresso sem luxos e privilégios, e teve muito debate sobre como unificar as lutas, defender os direitos e condições de vida. Dentre as propostas do Sintusp para a Central, nós que contribuimos com O Corneta defendemos as escalas móveis – reajuste mensal e divisão das horas de trabalho – pra unificar a resistência da nossa classe contra o arrocho e as demissões!

## Para o sindicato nem tem demissão

**Meritor, Osasco (SP)** Não bastassem as demissões e toda a palhaçada que fizeram com os demitidos, como noticiou o jornal, o sindicato tratou a questão como se nem tivesse acontecido. Aposto que já sabiam do que ia acontecer e não fizeram nada para evitar. Não tem nem notícia no jornal deles as demissões aqui na Meritor! Vergonha! Aê Sindicato, vocês estão do lado de quem?

## Facão em 10 por semana

**Cinpal I, T. da Serra (SP)** O ritmo da produção vem caindo e continuam demitindo. Ta indo em média uns 10 por semana. Ao mesmo tempo tão contratando aprendizes e gente mais nova que, como vocês já sabem, recebem menos e fazem o mesmo trabalho que um peão efetivado. Essa Cinpal não tem vergonha na cara!

